

O Estado de S. Paulo

26/4/1999

Trabalhadores farão protesto contra Próálcool

Entidade que reúne assalariados do setor alega que mecanização da colheita trouxe prejuízos

JOSÉ ANGELO SANTILLI

Especial para o Estado

ARARAQUARA — A Federação dos Trabalhadores Assalariados do Estado de São Paulo (Feraesp) está organizando um protesto contra a reativação do Programa de Produção e Uso de Álcool Combustível (Proálcool). A manifestação será em Guariba, na região de Ribeirão, Preto, no dia 16 de maio, data que marca os 15 anos da primeira greve de trabalhadores rurais em Guariba, um dos principais municípios canavieiros do Estado.

O presidente da Feraesp, Elio Neves, avalia que houve um grande retrocesso nesses 15 anos. Com o processo de automação das usinas e a mecanização da colheita de cana-de-açúcar os trabalhadores rurais sofreram grande prejuízo, com a eliminação de mais de 50% dos postos de trabalho no setor, informa Neves.

"Desde a metade da década de 70, quando o governo injetou grande volume de recursos no Proálcool, houve um aumento exagerado na concentração de capitais e de terras em poder das usinas e, em contrapartida, a distribuição da pobreza aos trabalhadores", afirma. "Mas não houve retorno social."

Neves, que também é presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais Assalariados de Araraquara, lembra que a região deixou de atrair trabalhadores migrantes, passando a ser ponto de partida. "Com a eliminação dos postos de trabalho, está havendo uma migração de trabalhadores para o Mato Grosso, Goiás e Norte do País."

O sindicalista é contra novos investimentos que incentivem a monocultura da cana-de-açúcar. Ele defende a reforma agrária e a criação de uma política de diversificação de culturas, privilegiando a produção de alimentos, como forma de enfrentar o desemprego e retomar o desenvolvimento econômico.

"Investir no Proálcool neste momento significa aumentar a mecanização e demitir mais trabalhadores", diz. "Trata-se de uma ditadura econômica, que obriga a ampliação do consumo de álcool, seja na frota verde (carros oficiais), seja na mistura com o óleo diesel, como estão propondo os usineiros."

Cooperativas — O monopólio da produção de álcool em grandes usinas, que concentram todo o processo de produção, do plantio ao processamento industrial da cana, "criou elefantes brancos", de acordo com Neves. "É, preciso acabar com essa história de o setor privado recorrer ao dinheiro público quando os investimentos envolvem risco, e depois não distribuir benefícios sociais quando o negócio vai bem."

Neves não acredita que são necessárias empresas gigantes e monopólios para produzir álcool. "Defendemos a reforma agrária e o estímulo aos sistemas de cooperativa, para substituir as empresas que não tiverem competência para manter-se no mercado sem a ajuda do poder público", diz.

O álcool não representa uma alternativa energética para o País, na opinião do presidente da Feraesp. "Se acabar o petróleo, acaba o álcool, pois toda a frota de caminhões e máquinas

agrícolas usada na produção do álcool é movida a óleo diesel. O álcool seria uma alternativa energética se tivesse tornado viáveis os transportes coletivos e de cargas", afirma.

Neves não considera o Proálcool uma prioridade para o País nesse momento, porque é utilizado como combustível apenas em carros de passeio. "É um privilégio, em época de crise, investir na frota de carros particulares." Segundo seu entendimento, a prioridade agora deve ser a de produzir alimentos — "energia que enche o estômago".

(Página B4 — ECONOMIA)